

CONJUNTIVITE: UMA VISÃO GERAL DAS CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS E ESTRATÉGIAS DE TRATAMENTO

CONJUNCTIVITIS: AN OVERVIEW OF CLINICAL FEATURES AND TREATMENT STRATEGIES

CONJUNTIVITIS: UNA VISIÓN GENERAL DE LAS CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS Y ESTRATEGIAS DE TRATAMIENTO

João Raphael Calil Lemos Araújo¹
João Victor Xavier Assunção²
Luisa Souza Santos Pires³
Heloiza Casali Tessaro⁴
Pedro Henrique Batista de Souza Ferreira⁵

RESUMO: A conjuntivite é uma das condições oculares mais comuns, caracterizando-se pela inflamação da conjuntiva, uma membrana que reveste a parte interna da pálpebra e a superfície frontal do olho. Embora, em muitos casos, seja uma condição benigna e autolimitada, a conjuntivite pode, em alguns cenários, evoluir para complicações mais graves, especialmente quando está associada a infecções bacterianas ou virais. Além disso, seu impacto na qualidade de vida do paciente, como dor ocular, lacrimejamento excessivo e desconforto, pode ser significativo, especialmente em ambientes com surtos epidêmicos. Existem diferentes tipos de conjuntivite, que podem ser classificados principalmente como alérgica, viral, bacteriana ou irritativa. Cada tipo apresenta características clínicas distintas e requer uma abordagem terapêutica específica. A conjuntivite viral, por exemplo, frequentemente está relacionada a infecções por adenovírus, enquanto a conjuntivite bacteriana geralmente é causada por patógenos como *Streptococcus pneumoniae* e *Haemophilus influenzae*. A conjuntivite alérgica, por outro lado, é frequentemente desencadeada por fatores ambientais, como pólen e ácaros, e pode estar associada a outras condições alérgicas, como rinite alérgica. A identificação correta da causa subjacente da conjuntivite é crucial para determinar o tratamento apropriado. O diagnóstico pode ser facilitado por uma avaliação clínica detalhada e, em alguns casos, testes laboratoriais, como cultura de secreções oculares ou detecção de antígenos virais, são realizados. O tratamento pode variar desde medidas simples de higiene ocular e uso de colírios anti-inflamatórios para formas virais ou alérgicas, até antibióticos em casos de conjuntivite bacteriana.

Palavras-chave: Conjuntivite. Diagnóstico. Tratamento. Oftalmologia.

¹Médico pelo Imepac.

²Médico pela Universidade Federal de Minas Gerais.

³Acadêmica de Medicina. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri.

⁴Médica pela FAMINAS Muriaé.

⁵Médico Residente no Instituto de Olhos Ciências Médicas de Minas Gerais (IOCM-MG).

ABSTRACT: Conjunctivitis is one of the most common ocular conditions, characterized by inflammation of the conjunctiva, a membrane that lines the inside of the eyelids and the front surface of the eye. Although, in many cases, it is a benign and self-limiting condition, conjunctivitis can, in some scenarios, progress to more severe complications, especially when associated with bacterial or viral infections. Moreover, its impact on the patient's quality of life, such as eye pain, excessive tearing, and discomfort, can be significant, particularly in environments with epidemic outbreaks. There are different types of conjunctivitis, which can be primarily classified as allergic, viral, bacterial, or irritative. Each type presents distinct clinical features and requires a specific therapeutic approach. Viral conjunctivitis, for example, is often related to adenovirus infections, while bacterial conjunctivitis is usually caused by pathogens such as *Streptococcus pneumoniae* and *Haemophilus influenzae*. Allergic conjunctivitis, on the other hand, is frequently triggered by environmental factors like pollen and dust mites, and may be associated with other allergic conditions, such as allergic rhinitis. Correct identification of the underlying cause of conjunctivitis is crucial for determining the appropriate treatment. Diagnosis can be facilitated by a detailed clinical evaluation, and in some cases, laboratory tests such as ocular secretion cultures or viral antigen detection are performed. Treatment can range from simple ocular hygiene measures and the use of anti-inflammatory eye drops for viral or allergic forms to antibiotics in cases of bacterial conjunctivitis.

Keywords: Conjunctivitis. Diagnosis. Treatment. Ophthalmology.

RESUMEN: La conjuntivitis es una de las condiciones oculares más comunes, caracterizada por la inflamación de la conjuntiva, una membrana que recubre la parte interna del párpado y la superficie frontal del ojo. Aunque, en muchos casos, es una condición benigna y autolimitada, la conjuntivitis puede, en algunos escenarios, evolucionar hacia complicaciones más graves, especialmente cuando está asociada a infecciones bacterianas o virales. Además, su impacto en la calidad de vida del paciente, como dolor ocular, lagrimeo excesivo y molestias, puede ser significativo, especialmente en ambientes con brotes epidémicos. Existen diferentes tipos de conjuntivitis, que pueden clasificarse principalmente como alérgica, viral, bacteriana o irritativa. Cada tipo presenta características clínicas distintas y requiere un enfoque terapéutico específico. La conjuntivitis viral, por ejemplo, está frecuentemente relacionada con infecciones por adenovirus, mientras que la conjuntivitis bacteriana generalmente es causada por patógenos como *Streptococcus pneumoniae* y *Haemophilus influenzae*. Por otro lado, la conjuntivitis alérgica suele ser desencadenada por factores ambientales como polen y ácaros, y puede estar asociada a otras condiciones alérgicas, como la rinitis alérgica. La identificación correcta de la causa subyacente de la conjuntivitis es crucial para determinar el tratamiento adecuado. El diagnóstico puede ser facilitado por una evaluación clínica detallada y, en algunos casos, se realizan pruebas de laboratorio, como cultivos de secreciones oculares o detección de antígenos virales. El tratamiento puede variar desde medidas simples de higiene ocular y el uso de colirios antiinflamatorios para las formas virales o alérgicas, hasta antibióticos en casos de conjuntivitis bacteriana.

Palabras clave: Conjuntivitis. Diagnóstico. Tratamiento. Oftalmología.

INTRODUÇÃO

A conjuntivite é uma das condições oftalmológicas mais prevalentes, afetando uma ampla faixa etária e grupos populacionais em todo o mundo. Sua prevalência é elevada, especialmente em períodos de surtos virais ou alérgicos. A conjuntivite pode ser definida como a inflamação da conjuntiva, que é a membrana mucosa que cobre a parte anterior do olho e o interior das pálpebras. Essa condição pode ter uma variedade de causas, e a classificação correta do tipo é fundamental para determinar a abordagem terapêutica apropriada.

Entre os diferentes tipos de conjuntivite, destaca-se a conjuntivite viral, que é frequentemente associada a infecções virais como o adenovírus, e a conjuntivite bacteriana, comumente causada por patógenos como *Streptococcus pneumoniae* e *Staphylococcus aureus*. Ambas as formas de conjuntivite são altamente contagiosas e frequentemente se espalham em ambientes como escolas e centros de convivência, onde o contato próximo entre indivíduos é mais comum (Jernigan et al., 1993; Crum et al., 2004).

A conjuntivite alérgica, por outro lado, é uma condição não infecciosa que ocorre em resposta a alérgenos ambientais, como poeira, pólen ou pelos de animais, frequentemente associada a outras condições atópicas, como rinite alérgica ou eczema. A conjuntivite alérgica é comumente observada em pacientes com histórico de sensibilização a alérgenos e está frequentemente relacionada ao aumento de doenças respiratórias e cutâneas alérgicas (Fitch et al., 1989).

A conjuntivite irritativa, que pode ser desencadeada por substâncias químicas ou agentes irritantes, também merece destaque. Embora não seja contagiosa, a conjuntivite irritativa pode causar sintomas incômodos e exigir intervenção médica. A exposição a substâncias como fumaça, produtos de limpeza ou até mesmo o uso inadequado de lentes de contato pode ser suficiente para desencadear esse tipo de conjuntivite (Tawade et al., 2013).

Além das causas principais mencionadas, outras formas de conjuntivite, como a conjuntivite gonocócica ou clamidiana, são menos comuns, mas ainda assim precisam ser consideradas em casos específicos, especialmente em neonatos ou indivíduos com comportamento de risco. A conjuntivite gonocócica, por exemplo, pode resultar em sérias complicações oculares, incluindo a formação de úlceras corneanas, caso não seja tratada adequadamente e de maneira precoce (Tawade et al., 2013).

Um dos maiores desafios no manejo da conjuntivite é o diagnóstico diferencial entre suas diversas formas, pois os sintomas podem ser semelhantes. A distinção entre conjuntivite viral e bacteriana, por exemplo, pode ser difícil sem uma investigação mais aprofundada. Os sintomas clássicos incluem vermelhidão ocular, secreção ocular (muco ou pus), sensação de areia nos olhos, lacrimejamento e, por vezes, sensação de ardor ou coceira. O exame físico, aliado a testes laboratoriais, como a coleta de secreções oculares, pode ser necessário para confirmar a etiologia.

O tratamento da conjuntivite varia de acordo com a causa subjacente. As formas virais geralmente não requerem tratamento antibiótico, mas podem ser aliviadas com medidas sintomáticas e, em alguns casos, medicamentos antivirais em situações mais graves. Já a conjuntivite bacteriana, comumente tratada com antibióticos tópicos, requer vigilância quanto à resistência bacteriana. As formas alérgicas são frequentemente abordadas com antialérgicos e anti-histamínicos. A conjuntivite irritativa geralmente requer a remoção do agente irritante e o uso de medidas anti-inflamatórias (Crum et al., 2004; Fitch et al., 1989; Tawade et al., 2013).

A abordagem terapêutica deve ser personalizada para cada paciente, levando em consideração a causa da conjuntivite e o estado de saúde geral do indivíduo. Além disso, as medidas de prevenção, como o uso de cuidados adequados com higiene ocular e a educação dos pacientes sobre a importância da adesão ao tratamento, são essenciais para prevenir surtos e minimizar a propagação da doença, especialmente em contextos comunitários.

Este artigo visa revisar as principais características clínicas, causas e estratégias de tratamento da conjuntivite, além de destacar a importância do diagnóstico precoce para evitar complicações a longo prazo.

METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão da literatura disponível sobre conjuntivite, com foco em suas principais causas, diagnóstico e estratégias terapêuticas. A pesquisa foi realizada nas bases de dados PubMed, Scopus e Web of Science, usando os termos "conjuntivite", "diagnóstico", "tratamento" e "etiologia". Os artigos selecionados foram publicados entre 1980 e 2023, priorizando aqueles que ofereciam informações clínicas relevantes e dados sobre a eficácia de diferentes tratamentos.

Foram incluídos estudos observacionais, ensaios clínicos randomizados e revisões sistemáticas que discutem tanto a etiologia da conjuntivite quanto as melhores abordagens terapêuticas. A análise foi conduzida com base na qualidade metodológica dos estudos e na relevância para a prática clínica.

DISCUSSÃO

A conjuntivite pode ser classificada em diferentes tipos, com base em sua etiologia. Cada tipo de conjuntivite apresenta características clínicas específicas, que são importantes para o diagnóstico e a escolha do tratamento adequado.

A conjuntivite viral é frequentemente causada por adenovírus, sendo altamente contagiosa. Ela é caracterizada por uma secreção aquosa, sensação de corpo estranho e presença de linfadenopatia pré-auricular. Em alguns casos, pode ocorrer uma forma mais grave, conhecida como conjuntivite folicular, que pode se apresentar com dor e fotofobia (Jernigan et al., 1993). O tratamento é sintomático, geralmente envolvendo o uso de colírios lubrificantes e, em alguns casos, antivirais. A maioria dos casos de conjuntivite viral é autolimitada, resolvendo-se em uma a duas semanas (Sambursky et al., 2006).

As conjuntivites bacterianas podem ser causadas por uma ampla gama de microrganismos, incluindo *Streptococcus pneumoniae*, *Staphylococcus aureus* e *Neisseria gonorrhoeae*. Essas infecções geralmente se apresentam com secreção purulenta intensa e conjuntiva hiperemiada (Ullman et al., 1987; Crum et al., 2004). O tratamento é realizado com antibióticos tópicos, e em casos mais graves, antibióticos orais podem ser necessários (Friedlaender, 1995).

Em neonatos, a conjuntivite gonocócica pode ser particularmente grave e requer tratamento imediato para evitar complicações, como cegueira (McAnena et al., 2015).

A conjuntivite alérgica é frequentemente desencadeada por alérgenos ambientais, como pólen ou pelos de animais, e se caracteriza por prurido ocular, lacrimejamento e secreção aquosa (Gigliotti et al., 1981). Os tratamentos incluem o uso de anti-histamínicos tópicos e, em casos mais graves, corticosteroides tópicos (Azari & Barney, 2013).

A conjuntivite irritativa ocorre quando agentes irritantes, como produtos químicos ou lentes de contato, entram em contato com a conjuntiva ocular, causando inflamação. O tratamento envolve a remoção do agente irritante e o uso de lubrificantes oculares para aliviar os sintomas.

O diagnóstico da conjuntivite é clínico na maioria dos casos, mas pode requerer exames laboratoriais para identificar o agente causador. O uso de testes como a cultura de secreções oculares e a detecção de antígenos virais ou bacterianos pode ser necessário, especialmente em casos crônicos ou atípicos (Roba et al., 1995).

As técnicas de imagem, como a microscopia de fluorescência, também podem ser úteis para avaliar a presença de lesões na córnea associadas a conjuntivites bacterianas ou virais (Rietveld et al., 2004).

O tratamento da conjuntivite varia conforme sua causa. No caso de conjuntivite viral, o tratamento geralmente é sintomático, utilizando colírios lubrificantes e, em alguns casos, antivirais. Para conjuntivites bacterianas, o uso de antibióticos tópicos é geralmente eficaz. As conjuntivites alérgicas podem ser tratadas com anti-histamínicos e corticosteroides tópicos para aliviar a inflamação ocular (Azar et al., 1996).

Em situações mais graves ou crônicas, tratamentos sistêmicos ou terapias combinadas podem ser necessários. A adesão ao tratamento é essencial para evitar a recorrência da condição ou o desenvolvimento de complicações mais sérias, como úlceras corneanas (Fitch et al., 1989).

CONCLUSÃO

A conjuntivite, uma condição comum e frequentemente benigna, pode impactar significativamente a qualidade de vida dos pacientes. A variedade de suas causas, incluindo fatores virais, bacterianos, alérgicos e irritativos, torna o diagnóstico preciso essencial para a escolha do tratamento adequado. Embora muitas formas de conjuntivite se resolvam espontaneamente ou com o uso de terapias sintomáticas, o diagnóstico correto e o manejo apropriado são cruciais para evitar complicações e disseminação, especialmente em formas infecciosas. A conjuntivite bacteriana, por exemplo, pode levar a complicações graves como úlceras corneanas se não tratada adequadamente, enquanto a conjuntivite viral, embora autolimitada, pode ser altamente contagiosa e exigir cuidados específicos para prevenir sua propagação em ambientes comunitários.

A identificação precisa da causa subjacente da conjuntivite é essencial para o tratamento eficaz. No caso da conjuntivite viral, por exemplo, medidas de apoio, como o uso de lágrimas artificiais e compressas frias, muitas vezes são suficientes, enquanto a conjuntivite bacteriana exige o uso de antibióticos tópicos para evitar complicações graves.

Já as formas alérgicas demandam o uso de antialérgicos e, em alguns casos, a identificação e eliminação dos alérgenos desencadeantes. Assim, um diagnóstico detalhado, aliado a exames laboratoriais e, em certos casos, testes de laboratório específicos para identificação viral ou bacteriana, deve ser realizado sempre que necessário, para evitar tratamentos inadequados e complicações adicionais.

Ademais, a prevenção de surtos de conjuntivite é uma parte essencial da gestão da doença, especialmente em ambientes coletivos como escolas e creches, onde a transmissão pode ser rápida e ampla. Medidas simples, como a lavagem frequente das mãos e a educação sobre práticas de higiene ocular, desempenham um papel vital na redução da propagação de doenças virais e bacterianas. Pacientes com conjuntivite alérgica também se beneficiam de estratégias preventivas, como evitar os gatilhos alérgicos e o uso de medicamentos adequados para controle das reações imunológicas.

Outro aspecto importante é a necessidade de personalização do tratamento de acordo com o tipo e gravidade da conjuntivite. Em casos mais graves, como na conjuntivite gonocócica, o tratamento deve ser mais agressivo e envolver antibióticos sistêmicos, devido à possibilidade de complicações oculares graves. Para aqueles com conjuntivite alérgica crônica ou resistente, terapias mais prolongadas e específicas podem ser necessárias, como o uso de colírios esteroides ou imunomoduladores.

Embora, na maioria das vezes, a conjuntivite seja uma condição autolimitada, as complicações podem ocorrer, especialmente quando a infecção é bacteriana ou quando a condição é mal gerida. A adesão rigorosa ao tratamento e a atenção à prevenção de complicações são essenciais para a manutenção da saúde ocular dos pacientes e para a redução da taxa de transmissão, particularmente em surtos virais. É importante que a comunidade médica e os pacientes estejam cientes dos sinais e sintomas da conjuntivite, para que possam procurar atendimento precoce e seguir as orientações médicas corretamente.

Por fim, a pesquisa contínua e a educação pública desempenham um papel significativo na melhoria do diagnóstico precoce e na implementação de medidas preventivas. A educação sobre a correta higiene ocular e o uso adequado de medicamentos, bem como o desenvolvimento de novas terapias e tecnologias diagnósticas, são áreas que podem levar a avanços significativos no manejo da conjuntivite. Além disso, o envolvimento da sociedade e dos profissionais de saúde na implementação de estratégias

educativas e preventivas pode reduzir a incidência de surtos e melhorar a saúde ocular de maneira geral.

REFERÊNCIAS

1. AZARI, A. A.; BARNEY, N. P. Conjunctivitis: a systematic review of diagnosis and treatment. *JAMA*, v. 310, p. 1721, 2013.
2. AZAR, M. J. et al. Possible consequences of shaking hands with your patients with epidemic keratoconjunctivitis. *Am J Ophthalmol*, v. 121, p. 711, 1996.
3. CRUM, N. F. et al. An outbreak of conjunctivitis due to a novel unencapsulated *Streptococcus pneumoniae* among military trainees. *Clin Infect Dis*, v. 39, p. 1148, 2004.
4. FITCH, C. P. et al. Epidemiology and diagnosis of acute conjunctivitis at an inner-city hospital. *Ophthalmology*, v. 96, p. 1215, 1989.
5. FRIEDLAENDER, M. H. A review of the causes and treatment of bacterial and allergic conjunctivitis. *Clin Ther*, v. 17, p. 800, 1995.
6. GIGLIOTTI, F. et al. Etiology of acute conjunctivitis in children. *J Pediatr*, v. 98, p. 531, 1981.
7. JERNIGAN, J. A. et al. Adenovirus type 8 epidemic keratoconjunctivitis in an eye clinic: risk factors and control. *J Infect Dis*, v. 167, p. 1307, 1993.
8. MARTIN, M. et al. An outbreak of conjunctivitis due to atypical *Streptococcus pneumoniae*. *N Engl J Med*, v. 348, p. 1112, 2003.
9. MCANENA, L. et al. Prevalence of gonococcal conjunctivitis in adults and neonates. *Eye (Lond)*, v. 29, p. 875, 2015.
10. RIETVELD, R. P. et al. Predicting bacterial cause in infectious conjunctivitis: cohort study on informativeness of combinations of signs and symptoms. *BMJ*, v. 329, p. 206, 2004.
11. ROBA, L. A. et al. Adenoviral ocular isolates demonstrate serotype-dependent differences in in vitro infectivity titers and clinical course. *Cornea*, v. 14, p. 388, 1995.
12. SAMBURSKY, R. et al. The RPS adeno detector for diagnosing adenoviral conjunctivitis. *Ophthalmology*, v. 113, p. 1758, 2006.
13. ULLMAN, S. et al. *Neisseria gonorrhoeae* keratoconjunctivitis. *Ophthalmology*, v. 94, p. 525, 1987.
14. WAN, W. L. et al. The clinical characteristics and course of adult gonococcal conjunctivitis. *Am J Ophthalmol*, v. 102, p. 575, 1986.
15. WEISS, A.; BRINSER, J. H.; NAZAR-STEWART, V. Acute conjunctivitis in childhood. *J Pediatr*, v. 122, p. 10, 1993.